

mais do que três anos que não se permite um quarto de hora de recreio.

Incontestável é a ação dessa atividade incansável. Essa revolução já não é a evolução lenta e constitucional dum Mirabeau. Com uma decisão férrea e impiedosa, trabalha-se agora para assegurar aos que são privados de direitos uma sorte igual à dos outros. Suprimem-se todos os privilégios para edificar, em seu lugar, uma nova sociedade dos iguais. As cabeças dos aristocratas, fincadas na ponta dos piques dos Sans-culottes, anunciam o prelúdio duma era universal verdadeiramente nova.

Ao passo que Danton logo saciado, se entrega à ebriedade do triunfo e, com êle, o povo inteiro libertado; ao passo que o próprio Robespierre parece, um momento, satisfeito do trabalho feito, Marat, pelo contrário, ainda vitupera, incontentado e espumando de furor. Evita os amigos dos regozijos de vitória e, o olhar chamejante, continua a exigir novos assassínios.

E' verdade que, de manhã até a noite, os carros do verdugo rolam pelo Pont Neuf e levam tudo o que é aristocrático à "missa vermelha" da guilhotina. Mas Marat sonha coisa mais grandiosa: as cabeças ceifadas dos ricos. A ordem a que aspira para a França e para o mundo exige mais que a mera supressão dos privilégios da nobreza e a proclamação dos direitos iguais de todos os cidadãos. Seu espírito já descortina essa sociedade do futuro na qual já não será tolerado que haja desigualdades de fortunas. Eis como, atrás das exigências momentâneas, atrás do programa dos "direitos do homem", bem antes dos outros políticos do seu tempo, êle já descobre a segunda face da Revolução: a revolta dos que não possuem nada contra os possuidores.

"Quem pode pretender que tem o direito de comer enquanto há gente sem pão?" Eis a fórmula de Marat para as necessidades revolucionárias, e não cansa de proclamá-la em tôdas as variantes. A sociedade tem o dever de sustentar os que não possuem nada, mas que têm tanto direito à existência do que "o mais feliz do século". Quem não tem nada, que tome o necessário do que tem demais.

O que Marat adivinha aquí é o profundo contraste entre capital e proletariado. O que êle exige não é outra coisa senão a ditadura comunista. Ele é o único que já vê surgir o quarto Estado por baixo do terceiro, que mal acaba de emancipar-se. Encara na revolução burguesa de 1790 essa revolta social que, depois dêle, Babeuf tenta ainda em vão realizar e que somente cento e trinta anos mais tarde arderá com tôda a violência.

Em meio dos outros revolucionários que se contentam com a cabeça dos aristocratas, Marat fica só e incompreendido. Por ter sua doutrina revolucionária chegado cento e trinta anos cedo demais, parece êle cair na loucura, em virtude de sua preciência, de suas inauditas profecias. Enquanto outros, um Danton, um Robespierre, reali-

zam a idéia de sua época e, consoante essa idéia, abatem cabeças, Marat luta pela concretização duma idéia cujo tempo ainda não chegou. Eis por quê, mesmo nesses dias em que guilhotinar representa um postulado da razão, os programas de morticínio elaborados por Marat dão necessariamente a impressão de um produto da demência.

Fora de dúvida, Marat perdeu o juízo — seu exterior e tôda a sua conduta não tardam em revelá-lo. Madame Roland, que, no seu salão, recebera freqüentemente o sábio físico e torna a visitá-lo agora no apogeu de seu poder político, encontra-o, com grande susto, de pernas nuas, os pés sem meias calçados de botinas, trajando uma camisa manchada de gordura e aberta, pela qual se entremostra um peito bronzeado e peludo, a cabeça enrolada num lenço vermelho, as unhas dos dedos compridas e sujas. Neste aparato é que êle, sentado a uma mesa grande e gordurosa, coberta promiscuamente de fôlhas sôltas de manuscritos e de impressos a revisar, escreve como um furioso artigos incendiários, um após outro.

Matar! — eis o estribilho de cada uma de suas elocubrações. A fôrça, o cadafalso e a fogueira, eis o que êle exalta como os instrumentos indispensáveis e infalíveis para assegurar o advento da igualdade e da felicidade gerais. O "Ami du Peuple" passa a ser um ininterrupto apêlo ao apedrejamento, às lançadas, à degolação, à fôrça, à fogueira.

Como homem de ciência, teve sempre uma predileção pelos algarismos precisos. Ao passo que, no comêço, considerara oitocentas fôrça como suficientes, suas cifras agora elevam-se de mês para mês. "Cortem duas vezes cem mil cabeças e tereis então sossêgo. Antes, não!" brada êle. Pouco tempo depois, exige a morte de "duzentos e setenta mil inimigos da igualdade".

Um monstro demente, que sem parar, grita com uma monotonia maníaca "Morte! Morte!". Sua figura se torna tão sinistra, que quando êle agora comparece à Convenção ou perante o povo, todos experimentam uma sensação de mal-estar.

"Quando me foi êle mostrado, a agitar-se, com violência, no cume da "montanha", escreve o medico Lefevre nas suas memórias, "olhei-o com a mesma curiosidade inquieta com que se observam certos insetos repelentes. Suas vestes eram desalinhas, seu rosto de tez cinzenta pálida, seus olhos cavernosos. Havia nêle um não sei quê de repugnante e horrível que entristecia o coração. Todos os seus colegas com que eu privava experimentavam sensação idêntica".

Por fim, uma doença da pele prêga-o na sua banheira. Porque só na água quasi fervente é que desaparece a comichão insuportável que o tortura. Nestas condições, dali por diante, passa seus dias numa grande tina de madeira semelhante a um chinelo gigantesco. Lá, envôlto no vapor, escreve, sôbre uma tábua colocada transversalmente, artigos homicidas e requisitórios.